

Doutor Antonio Oliveira Salazar

na pouco nomeado Professor Ordinario da Faculdade de Direito de Coimbra.
—O mais novo dos seus professores e já um dos mais illustres, e que dentro em breve o será do Paiz, pensador profundo, orador notavel e catholico que bem merece da Egreja.

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR

Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR e EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias—Um anno, 4\$800.
Semestre, 2\$400. Trimestre, 1\$200 rs.

A cobrança feita pelo correio ou pelo entregador,
acresce o importe das despesas.

Extrangeiro — Um anno, 5\$400.

Numero avulso, 100 rs.

Monte-Pio do Clero Secular Portuguez

SUCCESSOR da Veneravel Irmandade
dos Clerigos Pobres de Lisboa

O clérigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'este Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos, morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguintes documentos:

—1. Certidão de idade, devidamente reconhecida por notario.
—2. Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não sofre de molestia actual, ou habitual (pafavras textuaes).—3. Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcipreste, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de . . . e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

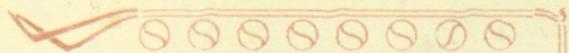
Os documentos podem ser em papel commum.

Se o clérigo residir na Archidiocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Arnaldo Carlos Lamas de Oliveira, residente na rua de 5 de Outubro, n. 80, em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Pintas de Sousa, morador em Lameira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Alfonso do Paço, capellão da Misericórdia de Viana do Castello, se residir no concelho de Viana do Castello; ao Rev. Padre Manuel da Costa Freitas Reis, se residir no concelho de Famalicão; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parochio de S. Vicente de Aljubarrota, se residir no concelho de Alcobaca.

Os referidos Revs. Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissoes, recebem as quotas, pagam subsídios, etc.

Este concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações cirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo, sito na rua numero 5, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livraria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no referido jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fora de Lisboa.



FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souto
BRAGA

Estabelecimento mais antigo
e acreditado n'este genero



Collegio de S. Thomaz d'Aquino

BRAGA

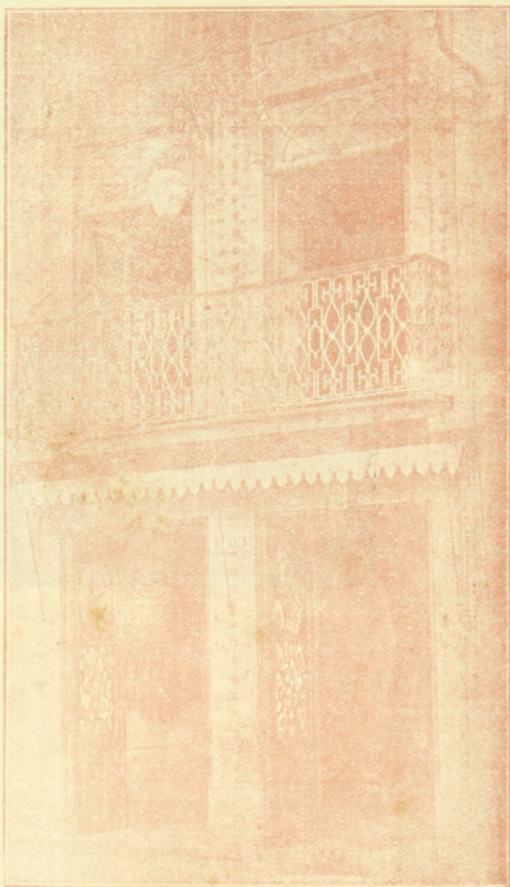
Fundado em 1896

DIRECTOR

Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga

Admitte alumnos internos, externos
para o curso dos Lyceus, Commercial e
Instrucção Primaria..

Vago



PHOTOGRAPHIA ALLIANÇA

44, Praça Alexandr. Herculano, 45

BRAGA

ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Souza Gomes Veieso

EDITOR E ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 6 de Julho de 1918

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
NÃO se restituem os originaes

Numero 262—Anno VI



A Virgem

(Fragmento d'um quadro de Botticelli que se conserva na Galeria Uffizi, de Florença)



A visita Ragonesi.

A cerca de quinze dias um amigo avisou-me de que estava eminente a vinda a Portugal de uma alta personalidade do mundo diplomatico da Santa Sé... O reatamento das relações diplomaticas ia ser um facto. O leitor acaba de verificar que a chegada a Lisboa de Mgr. Ragonesi, o diplomata eminente que representou a Santa Sé Apostolica em Madrid, não teve outro fito, e fica sabendo tambem que, a não surgirem percalços, as negociações vão commear. De um cabo ao outro do paiz esta noticia accendeu de novo boas esperanças de ver, entre o Estado Portuguez e a Santa Sé, restabelecido aquelle systema de relações amistosas a cuja sombra se radicaram inestimaveis vantagens politicas e privilegios espirituaes e materiaes para a nossa soberania, no ultramar.

Tive já o grato ensejo de, em estudo que por ahi corre, demonstrar quão parallelas ou entrelaçadas teem sido as marchas do pendão nacional e da expansão catholica atravez do mundo. A vinda de Mgr. Ragonesi a Lisboa ficará, como um facto de altissimo relêvo, gravado nos frisos manuelinos da nossa historia. E' a reparação de um crime!

E só de um crime? Não. Deve de ser a correção das violencias, das brutaes illegalidades, das iniquas disposições que regem entre nós isso que para ahi figura como a *lei intangivel*, mesmo com as tombas que, desageitadamente, o maçon Moura Pinto lhe deitou. O reatamento de relações é um effeito, não uma causa. Não reatam relações duas pessoas què a inimizade rancorosa de uma afasta e systematicamente incompatibilisa. Possivel será, pois, que negociações directas sobre um futuro systema de relações entre a Igreja e o Estado, precedam e condicionem a renovação da amistosidade entre a primeira e o segundo.

Claro que o jacobino audaz vae encrespar-se. Elle só admite um representante portuguez no Vaticano com o tórvo semblante d'aquelles monstros mythologicos que tinham um olho na testa, suspicaz e minaz, p'ra vigiar o Papa, como n'outros tempos o *liberal* façanhudo que tem o retrato nos versos do *Fausto* de Goethe, admiravelmente traduzidos por Castilho, e posteriormente o sarrafaçal espião dos grupos civicos, vigiavam jesuitas.

Com que dôr na alma vaidosa receberá a noticia da visita de Mgr. Ragonesi e da futura reposição da embaixada portugueza junto da Santa Sé, aquella sorridente vacuidade que por cá passou da cathegoria de rato dos apontamentos archeologicos de Rocha Peixoto a copador do cómico Pacheco conselheiral, a governador civil, a ministro, a presidente de camaras, a juiz (a juiz!) e hoje naturalmente faz o ridiculo das magistraturas do Cairo! Era aquelle o seu grande sonho: ir occupar o lugar de Costa Cabral e Miguel Dantas... A sua mágua! Vae afundá-la por certo n'algum desenfreado babujar de lascivia, como o *portuguesinho valente*, do romance do Eça. E ainda ha-de haver por ahi algum dos que lhe assopravam aos folles do renome (por que tudo n'elle se resumia em *grandes ares e vento*) que avente, prelibando o cópinho fradesco do licor:

— Ah! se o Sidonio o mandasse vir do Cairo!...

A tristeza d'elle não tem par! Porque Augusto Soares quiz tentar — que loucura! — o reatamento de relações com Roma sob o consulado affonsista, e soffreu naturalmente a decepção de receber um *non possumus*, cortez mas lógico, dado o absurdo da ideia concebida. Mas Augusto Soares não alimentava a illusão de limpar algum dia o lustro das botas nos tapetes da Sala dos Embaixadores. Elle... quasi não pensou n'outra coisa desde que veio a republica, o meio proprio dos politicos anúros.

A vinda de Mgr. Ragonesi será, pois, para elle, o pungente espinho que lhe dilacerará as vaidades do seu sonho, com tanta crueza como ella fez referver a inveja dos adversarios de Sidonio Paes.

Eu creio bem que na estante do gabinete do chefe de Estado, ao alcance da sua mão consultadora, ha-de estar um d'esses livros que nos ultimos annos, mais ou menos atraz do grande Taine, delinearão a directriz do governo napoleonico que, muito embora animado pelo espirito revolucionario, foi a mais vigorosa e intelligente reconstrução administrativa sobre os escombros dispersos d'um paiz ferido d'anarchia que apoz os grandes dias da velha Roma, a historia tem apresentado, como receita oportunissima... — F. V.



VIDA INTENSA



Por J. de Faria Machado.

LEVOU-ME, ha dias, o acaso a pernoitar no hotel d'umas thermas em voga. Havia bastante gente, velhos, novos, de todos os feitiços, de todas as côres até, porque muito imponente no seu completo de flanela um pimpolho-dandy de S. Thomé, fazia as delicias das solteirinhas arrebiçadas. Casaes nostalgicos, onde a gotta entrou burguezmente, passeavam nas solurnas aleas do jardim e aqui, além, grupos alegres de raparigas, chovavam, cantavam, riam... Velhotes graves, bem fornidos de carnes e de grilhões no collete barrigudo, discutiam a guerra e beravam do governo que queria pôr-lhes tabellas aos generos, que tanto a custo tinham armazenado, para um lucrosinho final, e as senhoras, com os seus brilhantes, as suas perolas, que fresandavam a bacalhau e a assucar assambarcado, corroboravam na logica de balcão. E' que aquelle luxo, aquelle estadear galante, aquellas doenças, mesmo tudo, tudo, viera, por obra e graça da carestia, da alta bemfazeja, ail que se não fosse a guerra jamais teriam passado do quarto andar desconhecido onde engordavam e morriam ignorando o mundo... E havia quem berrasse da guerra, havia desnaturadas boccas, que amaldiçoavam o Affonso, elle que fôra o S. Miguel de todos os mercieiros, o ai Jesus de todas as negociatas., corja d'allimões, dizia, ao meu lado, uma frescalhona de 50 annos, muito ajoujada de joias e de rendas, que, à custa de feijão carissimo, alli estava solemne e triumphal tambem...

Era positivamente uma sociedade enriquecida á pressa, que ali estadeava a sua doença e o seu oiro, que embora soubesse a sangue, a miseria, a desespero, era oiro afinal e do melhor. Que importava a fome das alfurjas?!... Das alfurjas vinham elles... que tivessem assambarcado... E, receosos do assalto, eram aqui, homens d'ordem e de principios, para alli estavam vestindo do melhor, comendo do melhor, como os da alta, solidos nos seus cabedaes prosperos, a gosarem o seu mez nas thermas. As meninas *despiam-se* com esmero exagerado e martelavam callão, lembravam *couplets*,

Em viagem.

marcavam, rindo, graças equivocadas de revista. Eu nunca vi tanto impudor de *toilette*. Exageradas porque imitavam aquellas veneraveis solteirinhas, traziam uma saia por cima do Joelho e um decote que terminava na cinta! Um cumulo de desvergonha, um verdadeiro horror! E algumas, talvez boasinhas d'almas e de principios, mas colhidas na onda turva e devassa da moda, vira eu, de manhã, naquelle frage d'impudor, ajoelhadas no templo, a repisarem no erro de tantissimas mães e de tantissimos filhos, que não perdem uma manhã d'egreja e uma noite de theatro e que julgam harmonisar os preceitos d'uma religião, que é sublime, com os dictames d'um culto infame e pagão, Começaram a dançar. E alli, ante as vistas das mamãs, entraram a abraçar-se, meninos e meninas, numa dança devassa de *Vadrouille*, mixto de *passe-doble*, mixto de *maxixe*, uma dança canalha e immoral, que certamente arripiaria d'indignação os cabellos empoados das nossas avós carquilhas.

E aquillo era moda, e porque era moda, cometia-se o desafôro de consentir que meninas se arrastassem nos braços dos meninos, caras roçando, olhos roçando, n'um impudor, n'uma sensualidade de festim pagão. E achava-se natural, correntio, decente, aquelle bailado de bordel, como todos, todos se riam á farta quando o negrinho pimpolho recitou um sainele pulhastra, onde havia obscenidades e grosserias. E assim decorria o bailarico thermal.

Fugi envergonhado. Homem do passado, tendo vivido n'um meio muito differente, n'uma epocha bem mais recatada e pura, repugnava-me aquella sociedade improvisada, aquella onda torva de devassidão, que alastrava como nodosa sinistra no liquidar d'uma nacionalidade devassa, e pensava quando chegaria o dia em que as verdadeiras senhoras de Portugal se juntariam n'uma crusada piedosa contra essas danças, contra esses vestidos, contra essas modas immoraes que são um verdadeiro insulto jogado á sua piedade de verdadeiras christãs. Quando? Senhoras de Portugal, acabaes com semelhante vergonha...

DE FREY GIL DA SOLEDADE,
EGRESSO DA FALPERRA.

O nariz na Biblia



DEANTE da immensa mole de materiaes que posso para esta monografia do nariz, darei a preferencia, para hoje ao cap. LXXXVI, da Centuria III, dos já citados *Trattenimenti eruditi*, do P.^o Estevam Menochio, S. J.—capitulo que traduzo integralmente do italiano.

Na lingua hebraica o nariz chama-se *aph*, e esta mesma voz significa entre os hebreus a ira, a indignação. No cap. 34 do *Exodo*, Moysés diz de Deus: *Deus misericors, et clemens, patiens et multae miserationis*; a palavra *patiens*, no hebreu, é expressa com duas vozes, *longis naribus*, (1) Veja-se Pagnino, no seu *Thesouro da Lingua hebraica*, onde accumula muitos exemplos que mostram que esta voz *aph* tem os dois significados que dissemos. Ora no citado passo do *Exodo*, quando se diz de Deus que *est longis naribus*, dizem alguns que ha nesta phrase aquella figura a que os gregos chamam *enallage*, e que uma medida se põe por outra, dizendo *longis* em vez de *latis*, de narinas largas, porque naturalmente aquelles que tem as narinas largas são menos colericos, ou prromptem menos em actos de indignação, porque os fumos biliosos, que do estomago sobem á cabeça, evaporam-se pelas narinas largas mais facilmente que pelas estreitas. (2)

Tem os gregos um modo semelhante de dizer, por isso em Theocrito, no *Idyllio I*, tendo o pastor de ovelhas *Thyrsis* convidado um companheiro, pastor de cabras a tocar a sanfona, desculpa-se este com dizer que aquella hora o não podia comprazer, porque estava dormindo o Deus Pan e o não queria acordar, não se zangasse elle, que era colerico, e temia o castigasse.

Que o nariz grande é signal de prudencia, affirmam-no muitos escriptores. Horacio diz:

non quia nullus

illi nasus erat—

e Marcial:

Non cuique datum est habere nasum.

e noutro passo.

Nasutus usque licet, sis denique nasus.

S. Gregorio, na 1.^a parte *Pastoralis curae*, cap. II, ponderando o que se ordena no Levitico (cap. XXI), onde se prohibe que aquelles que tem o nariz pequeno sejam admitidos a exercer as funções sacerdotaes, diz: "*Parvo naso est qui*" dê-se já em portuguez: "É de nariz pequeno aquelle que não é capaz de observar a medida da discrição. Com effeito, é pelo nariz que discernimos os bons e maus cheiros. Portanto, bem se exprime pelo nariz a discrição com que elegemos as virtudes e reprovamos os delictos.

(1) Attendendo a que alguns leitores, pelo muito que se estuda em Portugal, acaso euidariam que as duas vozes hebraicas são *longis naribus*, como parece suggerir o texto, aqui ponho ao lado d'essas, que são latinas, estoutras *ereche appaim*, que são os do texto hebraico. Está salvo o serão!

(2) A esta razão accresce a famosa Cornelia a Lapide outra que por ellas (as narinas) recebem muito ar fresco, com que se tempera aquelle ardor e a bilis, pelo que os de narinas largas *placidiores sunt*.

D'onde vem que em louvor da Esposa se diz: *Nasus tuus sicut turris quae est in Libano*: o teu nariz é como a torre, que está no Libano; porque a Santa Igreja (figurada na Esposa) vê, por seu discernimento, que tentações se originarão de cada causa, e descobre do alto as luctas que dos vicios hão-de vir."

Nêste ponto, suspendo a palavra ao P.^o Menochio, porque outro douto jesuita, o P.^o Martinho del Rio com os seus dois interessantissimos volumes de *Adogialium* me está ali da estante (Deus sabe ha quantos annos esquecido!) acenando com um capitulo inteiro, curiosissimo, sobre a interpretação d'aquella arrojada metaphora: *nasus tuus sicut turris!*

Esta locução, diz o P.^o Del Rio, toda a gente vê que é metaphorica. Cita depois duas interpretações de *Cypriano*, cislercense. Uma simples, refere-se á torre que fora erguida nos confins da Terra da Promissão, como sentinella contra as incursões dos Syrios, assemelhando-lhe o nariz da Esposa, não pela grandeza, mas pela disposição, não sendo aquella torre complicada com baluartes e ameias, mas igual, plana e lisa — d'ahi a belleza litteraria da comparação com o nariz da Esposa. Com esta interpretação não concorda Del Rio, entre outras razões por ter da belleza nasal uma ideia differente, que elle esboça na *sua nasi compositio gratior*. A segunda interpretação de *Cypriano* vê na comparação com a torre uma allusão á fortaleza e audacia, symbolizada no nariz, sendo este o sentido: a tua audacia é como a torre do Libano, e porque *Libano* significa a candura, vem a significar-se a lucta vigorosa para defender a pureza da alma, a innocencia da vida, etc. Observa a isto Del Rio, que n'esse caso melhor se recorreria ás mãos, para o simile, porque o nariz foi dado aos animaes para cheirar, não para combater.

Expõe a seguir o seu parecer que é tambem o meu: está ali symbolizada no nariz a sagaz providencia e sciencia da Igreja, no discernir os designios dos maus, e que nos ultimos tempos advertirá os seus filhos para que se não deixem cair nas ciladas que lhes armam os inimigos de Christo, o grande Salomão, como a torre do Libano vigiava os movimentos dos Syrios nos confins da Terra Santa. N'esta explicação o nariz viria a ser, como quem diz, o *Index* ou o *Syllabus*.

Termina o capitulo com umas palavras aureas de Dionysio Carthusiano, que oxalá sejam bem meditadas no fim destas futilidades recreativas:

"Pelo nariz, que nos serve para distinguir entre os bons e os maus cheiros, designa-se a virtude da discrição, alta e preclarissima. *Contra Damasco* opposto, isto é, contra este mundo sanguinolento e vicioso, porque distingue entre a suavidade e o prazer carnal e o espirital, definindo que nos devemos abster dos prazeres baixos e fugazes dos sentidos, porque são em si vãos e mesquinhos, impedem as consolações e prazeres divinos e espirituaes, e arrastam ás amarguras do inferno e destroem o prazer eterno da fruição da belleza increada. Porque não é possivel que gozemos agora com este mundo e reinemos depois com Christo... Heja, pois, sempre em nós um nariz de salutorissima discrição, e quando se nos apresentar alguma cousa deleitosa e agradável, cheirêmo-la logo com toda a diligencia á semelhança dos cães, a ver se convém, se é bom odor de reconforto para a alma, ou se sob apparencia de mel a não irá contaminar; e se assim for, fujamos logo d'elle, e ainda em nossos divertimentos e recreios licitos, abstenhamos-nos de toda superfluidade que nos possa dissipar o coração..."

O Centenario de Gounod

Estrondear da guerra mal deixa ouvir, de quando em quando, quatro palavras de senso, quanto mais permitir uma fuga d'essa scie já cançada do fallar da guerra, do pensar na guerra, do sonhar com a guerra e parar um pouco a recordar centenarios!.

Occorre agora um: o de Carlos Gounod, o famoso melodista parisiense que viu a luz do mundo em 17 de junho de 1818 e partiu d'elle em 1893, o auctor do *Fausto*, do *Romeu e Julieta*, da *Mireille*, que raros não terão apre-

guerra de 70 (cá está a guerra!). Retirado na Normandia, escrevia elle a seu cunhado o architecto Pigny: «Se o captivo do imperador, a derrota de Mac-Mahon, a perda de 80.000 homens são factos certos, j'igo que a França está, n'este momento, assaz exposta para que deva levar para Londres minha mãe (a sr.^a Zimmermann) minha mulher e meus filhos».

Na Inglaterra se deixou ficar até 74, vindo embora frequentes vezes a Pariz. Lá travou relações com notabilidades musicaes de maior ou menor fama: e de lá dirigiu a J. W. Davidson



Erveda — da Beira — O povo sahindo da egreja parochial depois de assistir a uma festa religiosa.

(Cliché de Antonio R. de Gouveia).

ciado já — mesmo n'essa *Avé-Maria*, cuja suave candura tocou tão fundamente as almas que atravessou triumphante mais de vinte annos!

O centenario de Gounod, em tempos normaes, seria uma solemnidade grandiosa nos meios lyricos porque poucos como o artista que ha cem annos nasceu no Praça de Santo André-das-Artes, da capital franceza, foram tão populares e ao mesmo tempo representativos de uma epocha de acendrado fervor musical. Basta dizer que as já citadas partituras dramaticas obtiveram, entre todos, o maior numero de representações.

Escreveu-as Gounod quando sobreveio a

a proposito de algumas composições de Sterndale Bennett, que o celebre critico musical do *Times* queria que admirasse, curiosas cartas inéditas em que se encontra a synthese de todas as suas convicções artisticas.

N'uma, de 12 de maio de 1874, Gounod, propondo algumas correções a um trecho de Bennett, escrevia a Davidson:

«...Pergunta-me v. se admitto que haja grandes musicos allemães. Admitto, meu caro Davidson, admitto: e soçegue. Tinha eu quatorze annos quando pela vez primeira estremei de felicidade ao ouvir, n'um mesmo inverno, o *Dom Juan*, a *Symphonia Pastoral* e a *Symphonia* com côro. Mas ha tambem musicos allemães

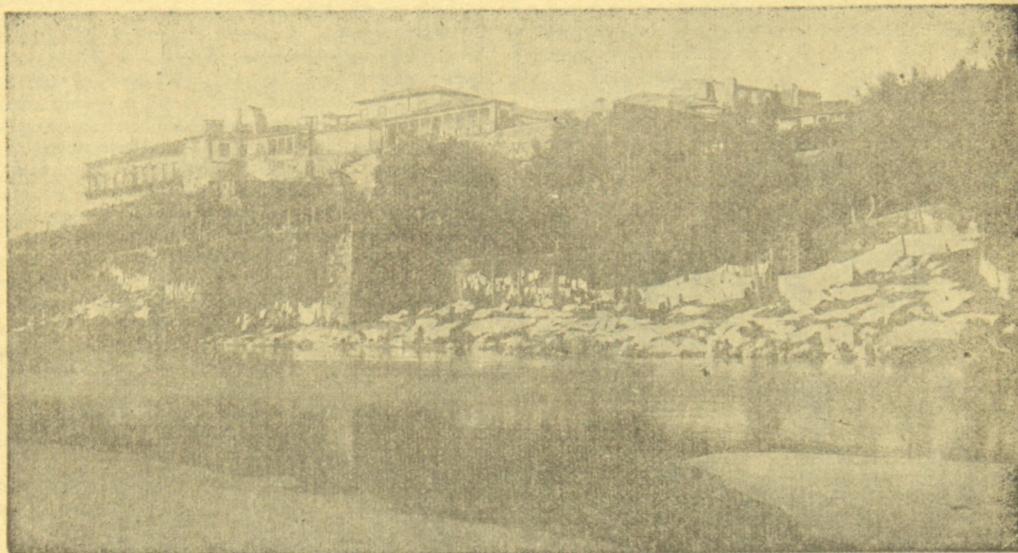
cuja musica é boa para pôr nas retrêtes, como as suas *philosophias*.

Sete dias depois, Gounod, referindo-se sempre a Benuett, na sua ultima carta a Davidson, alludia mais claramente a wagner que, n'essa epocha era, como se sabe, a besta apocaliptica do Mestre. Essa carta é tanto mais curiosa a tal respeito, quanto ella contem como *Crêdo* musical, um acto de fé em Mozart, Gluck e Beethoven. Vamos pois reproduzi-la quasi integralmente:

*19 de maio de 1874. *Meu caro sr. Davidson*: Os ultimos trez trechosinhos de Benuett que me mandou, parecem-me melhores que os outros; achál os muito interessantes, não acho; é Mendelssohn lavado em trez aguas, mas que

vinte e dois annos) porque me chamava eu musico, *se não sabia musica sequer!* Verdade é que eu tinha a infelicidade de adorar Gluck, Mozart e Beethoven cuja *Oitava Symphonia* com o seu prodigioso final e a célica phrase (aqui Gounod citava o segundo motivo do *minuetto* ainda hontem de tarde me emocionáram como no primeiro dia em que os ouvi! Meu Deus, como aquillo é nobre, ardente e inspirador! Ahi estão *ideias!* Eis *realidades d'alma* e não *notas taralhonas!*... Todo seu *C. Gounod.*

Gounod juntava a esta carta a sua ultima obra composta na Inglaterra, *Idola*, estancias de lord Houghthon sobre David Livingston. Um mez mais tarde Gounod deixava Londres para não mais lá voltar.



Nas margens do Cavado — Pecegal e casa do Conde de Villas Boas

(Clichê do dist. phot. Luiz Ferraz)

distancia: que *grande Musico* um, que singular musico o outro! Meu caro sr., toda essa escola de pseudo-musicos que poem notas, umas atraz ou *com* as outras, é malsã: são Thugs!

Falla-me do *Dom Giovanni!* Ah! E' o deus!

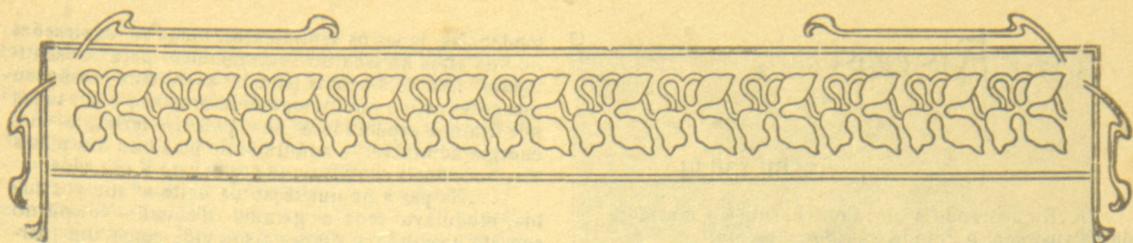
O trio em *la maior* que vem depois da pequena disputa em *sol*, no começo do segundo acto, é *a mais absoluta maravilha da arte musical!* Queimar-se-hiam *todas as partituras do mundo*, que a arte inteira encontrou, *só para salvar esse trecho*. Supplica-me que não me wagnerise! Apresentarei eu qualquer signaes d'isso? Seria urgente sabê-lo; teria de appellar logo para um medico que me *wag... cinasse*. Accusáram-me alguns de wagnerismo, n'uma epocha da minha vida em que não conhecia uma nota de Wagner. Outros perguntavam (haverá vinte ou

Este episodio da vida do grande compositor francez tem oportunidade de recordação n'esta hora em que a França e a Inglaterra, lado a lado, combatem por uma mesma causa, e em que a musica d'Além Rheno (incluindo o proprio Wagner, a quem Gounod mais tarde fazia justiça) é tão *systematicamente negado*, o valor devido.

Gounod — é tambem importante frisá-lo — era um christão, era um crente. A fé vivia bem na sua alma de *não—complicado*. O christianismo refloria no ambiente da sua poetica e commovedora simplicidade!

Passou ha pouco o centenario do seu nascimento, e é preciso que essa data não passe despercebido nas columnas d'esta revista de arte christã.

F. d'Almeirim.



O heroe

D'olhos na Patria e no Senhor, partira,
Côr de saphyra todo o olhar soberbo...
E até sorri
No instante acerbo
Que, nervo a nervo, a alma lhe pungira.

Tragãra lágrimas, saudades, ancias,
Sonhos de infancias, de fremente amor...
Visões, fragrancias,
Joias que a Dôr
Muda no horror de tristes circumstancias.

Na despedida—a mãe d'encontro ao peito,
Debil, no leito, a soluçar mesquinha—
Fôra perfeito
Na fé que tinha,
D'onde lhe vinha a força do direito.

—O' minha Mãe, partir não é morrer;
Mas é vencer, salvar a Patria, a terra...
Que quer dizer
Hoje a guerra?
Serra com serra, a Patria defender!

Nenhum soldado morre, combatendo,
Porque eu entendo que só morre o vivo,
Se está tremendo,
Ou se é captivo
D'um depressivo amor ao vicio horrendo.

E' Deus quem manda a gente amar, lutar
Em terra e mar, da Patria em honra e glorial
E, se tombar,
Vive na Historia
Como victoria posta n'um altar!

E n'isto, rapido e febril, marchara...
N'isto, empunhara a espada côr de neve...
Mal enxugara
Lágrima breve
Que então descreve a dôr que subjugara.

E ei-lo no *front*, sem recear metralha,
Sempre em batalha, campeão gentil,
Veio a mortalha?
Sim, lindo Abril!
Mas que perfil o seu! Qual ha que o valha?

Morreu, beijando a Cruz, chamando a Mãe,
A Patria além, o sonho, o encanto...
Morreu tão bem!...
Heroe e santo!...
Quem é que o pranto em seu olhar não tem?

Quanto á velhinha, essa, ouvindo a nova,
Baixou á cova, a bendizer Jesus,
Como uma trova
Cheia de luz
Que entrega á luz a derradeira prova...

José Agostinho.

Riscos . . .

IV

Assim fallou . . .

...E quebrando a cinza do charuto no marmore da balaustrada, o grande gosador concluiu:
De enganem-se, meus amigos, um affecto é sem-



CEIA — Sobre o rio de Ceia — Os srs. Abel Corrêa, photographo portuense; Luiz Reis, gerente da Havana, e José D. Pereira, alumno do Liceu de Santarém.

(Cliché de Correia e Moreira).

pre uma inferioridade... O homem livre, consciente, superiormente civilisado não se prende, não se liga a nada, a ninguém. Creatura ou ideia, animal ou preconceito, tudo o que nos prende implicitamente nos escravisa e é um attentado á nossa dignidade de seres superiores...

Superiores porquê? Pela faculdade, unicamente pela faculdade que possuímos innata, e que nos cumpre cultivar, de poder subtrahir-nos ao servilismo, á prisão incommoda d'uma afeição. Só assim se vive, isto é, só assim se sente, se goza a vida...

E ficava espapaçado na poltrona de verga, com um sorriso feliz de consciencia, ou de inconsciencia, mamando magestosamente o charuto entre nuvens azuladas de fumo e olhares cruzados de admiração, de pasmo e... de applauso: toda a psychologia d'aquelles cavalheiros bem jantados, de orchidea na casa e charuto em braza fumegando na paz e na suavidade da noite...

O nosso Jorge, encostado á balaustrada do terraço, parecia absorvido, dominado pelo encanto da noite, contemplando as estrellas que pontilhavam d'ouro a negrura do ceu e as sombras mysteriosas do jardim, d'onde a alma das flores subia em ondas de perfumes...

Mas não perdera uma palavra d'aquella profissão de fé egoistica e materialona que chocava todas as

tendencias, todos os sentimentos, todas as aspirações da sua alma afinada no sentimento e para o sentimento. Deu dois passos para o cavalheiro, esboçou um gesto polido mas energico de protesto, e eu, todos nós ficámos esperando a sua palavra forte, a sua energia admiravel e admirada de paladino das ideias sãs, honestas e sentidas que norteavam a sua vida.

...Na paz e na quietação da noite a sua voz subia, modulava toda a gamma d'aquelle idealismo sensato e sentido que era na sua vida como um perfume e um encanto para nós que mais o escutavamos com a alma do que ouviamos.

Desapparecera o sorriso habitual que lhe vincava ao canto dos labios dois rictus de ironia, as presilhas da mascara social, como elle dizia. Apagára-se o sorriso, esse sorriso postico, falso, que elle avelava ao rosto como empunharia uma arma, mas o olhar accendia-se-lhe com uma luz de sentimento, n'um brilho de sinceridade e convicção.

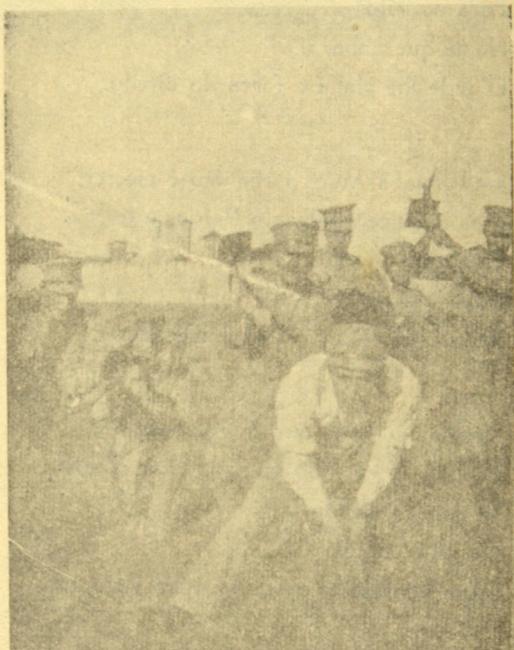
Fallou; as palavras vinham-lhe da alma, e parecia que a sua alma é que fallou no silencio attento das coisas e dos homens.

E todos nós ficámos para alli, horas esquecidas, a ouvir aquella alma... «...toda a vida deve ter um fim, uma preocupação, um ideal; a agua estagnada corrompe-se e gera miasmas, podridões. Tambem o ferro sem uso se enferruja e acaba por se tornar bem inutil e desprezivel, acabando mesmo n'uma poeira negra que suja e mancha...

E' preciso viver, mas viver não é vegetar; viver é aproximar-se da perfeição, da triplice perfeição plastica, intellectual e moral. Viver, n'uma palavra, é afinar e mesmo refinar a sensação, espiritualizando a materialidade banal e gasta de todos os nossos actos.

Se é absolutamente preciso que de quando em vez sejamos animaes, sejamos então o menos possivel animaes. Acorrentemos a nossa *bête*, e, uma vez presa, procuremos domal-a, porque se o não fizermos, se não tentarmos fazel-o, será ella que se irá apossando pouco a pouco de nós, acabando por nos empolgar, por nos dominar miseravelmente.

Gosar a vida, ouço p'r'ahi dizer, mas aquelles que assim fallam não o pensam, não o podem pensar sinceramente porque são os que menos gosam. Esses



Escola de guerra — Aspectos dos exercicios finais — um grupo de alumnos abrindo trincheira s.

restringidos ao círculo acanhado que a *bête* lhes traça, gosam da vida o que um pobre bicho de jardim zoológico gosa entre as grades da sua jaula.

Estaremos então privados em nome da moral, ou d'uma moral, de gosar legitima e razoavelmente a nossa vida, de tirar d'ella algum retalho de prazer?

De modo nenhum. Devemos viver e podemos viver com gosto e prazer, mas cuidado com o plural d'esta palavra que tantas vezes tem uma significação diametralmente opposta...

Eu reconheço o prazer, eu aprecio o goso d'uma boa hora, d'um bom acto que se sabe onde nos leva quando no seu principio lhe podemos calcular e avaliar fim.



Os srs. Alipio Vicente e Manuel Joaquim de Campos, alumnos da Escola de guerra junto de um obuz.

Será um prazer são e digno e sincero o que nos proporciona uma acção que depois nos causa tédio, ou arrependimento, ou asco?

Cuido que não, e penso, pelo contrario, que prazer real e verdadeiro, em summa um bom prazer é o que resulta dos actos que nem antes nem depois nos entristecem, aviltam ou fazem arrepender.

Assim os nossos affectos...

Eu nunca me arrependi de me dedicar, de me prender, porque essa prisão não é de modo algum uma *prisão*, uma abdição da minha personalidade moral, a renuncia aos meus direitos ou deveres.

Prender-me e dedicar-me a alguém ou a alguma



Escola de guerra — alumnos de infantaria no serviço de trincheiras.

coisa, é dar-lhe o que Deus poz na minha alma para eu distribuir e empregar: a affectividade, o carinho, o interesse, esses mil cuidados que me merecem todos ou tudo a que me prendo.

Quando me dedico, dedico-me.

Se me prendo a uma ideia dou-lhe tudo o que a essa ideia pode ser util: a minha convicção sincera, a minha combatividade, toda a minha capacidade de sacrificios, a minha vida.

E se me ligo a alguém dou-lhe talvez mais do que a vida: dou o meu sentimento, o meu affecto, tudo o que ha em mim de espiritualidade, tudo o que ha em mim além do animal e do animal me separa.

Se me não comprehendem ou não querem accetor o que dou com toda a minha alma, nem por isso me arrependo de me ter dedicado.

Então?

...Entristeço-me talvez, e não tanto por mim como por quem despreza tudo isso que—muitas vezes, quasi—empre—mais tarde se arrepende de não ter sabido e querido accetor, mais tarde, quando lhe chega o momento de se convencer de que—ai de nós!—ha bem poucas dedicações sinceras e sentidas, porque ha bem poucas creaturas que saibam sentir e se queiram dedicar... com dedicação...»

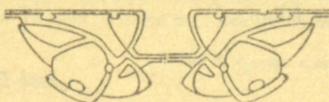
Assim fallou...

José Brandão.



Um grupo de alumnos da Escola de guerra.





Escola de guerra. — As proves finais. — Os alumnos de infantaria descansando depois dos exercicios.

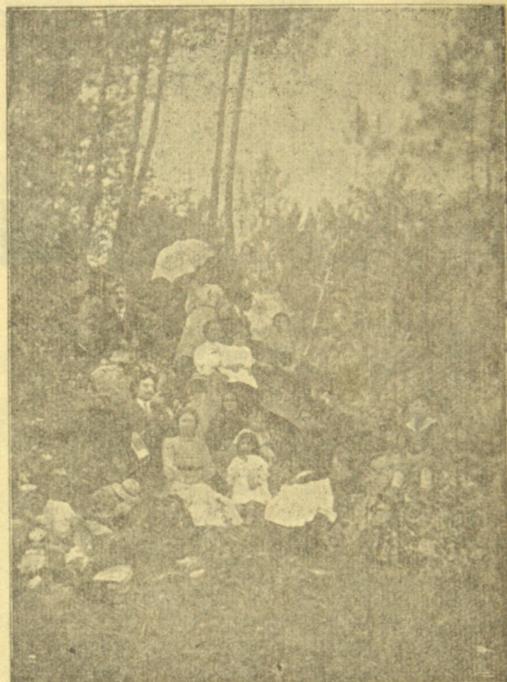
AO LEITOR

Depois de lida enviar esta revista á *Junta Patriótica do Norte*. (Paços do Concelho—Porto) a fim de esta a mandar para os nossos soldados do 'front'.



A *Illustração Catholica* querendo render uma justa homenagem aos soldados portuguezes, mortos, feridos, desaparecidos e prisioneiros nos campos de batalha de França e Africa vem por este meio rogar aos seus Ex.^{mas} assignantes, collaboradores, correspondentes e leitores o obsequio de conseguir das familias d'estes heroes as suas fotografias para aqui serem publicadas em lugar proprio.

Restituem-se as fotografias apoz a sua publicação



Na aldeia! — Descansando depois de soborear uma bella merenda.

(Phot. de M.L.)

BRAGA — A Procissão de penitencia ao Sameiro

Promovida pelos Rev.^{ts} parochos da cidade, realiso-se, no dia 29 de junho, uma concorrida procissão de penitencia para implorar da Virg-m do Sameiro o termo da guerra, a que presidiu S. Ex.^a Rev.^{ma} o Senhor Arcebispo Primaz



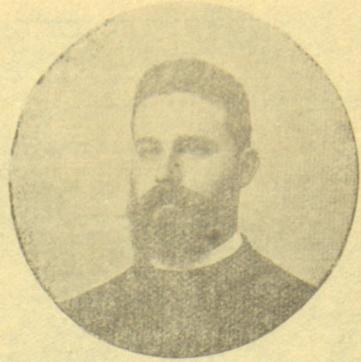
Um aspecto do imponente cortejo religioso a caminho do Sameiro.



Outro aspecto do mesmo cortejo.



O alferes de infantaria 29
sr. Joaquim Camillo Lobo Garcez Palha
de Almeida, feito prisioneiro pelos alemães
no combate de 9 de abril.

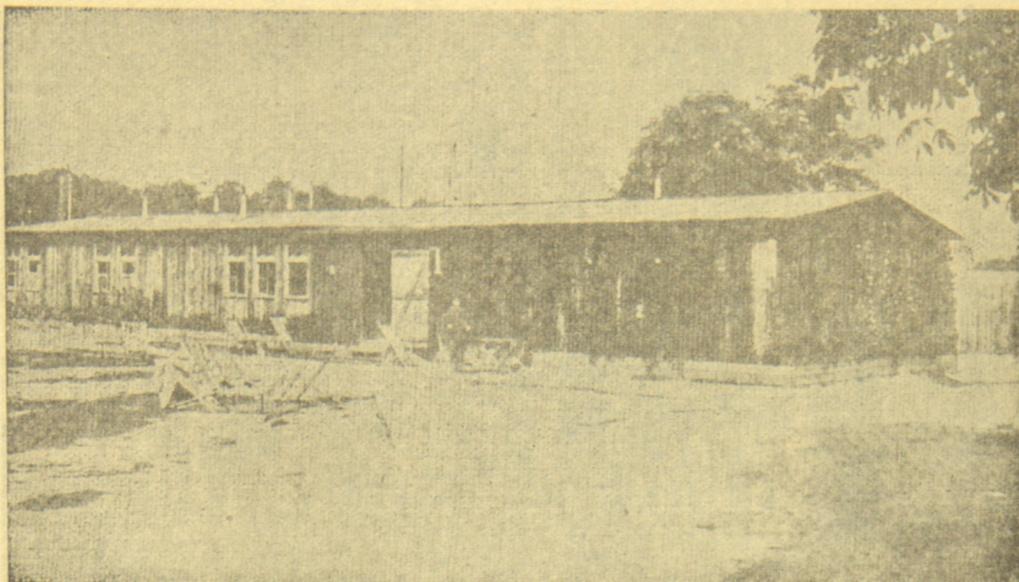


Padre Arthur Fortunato Gonçalves
Affonso — Fallecido em Santa Maria
da Silva, Valença,
em 20 de junho de 1918.
Ordenado em Sernache do Bomjardim
foi depois como missionario
para Angola
chegando a ser superior da Missão
de S. Salvador do Congo.

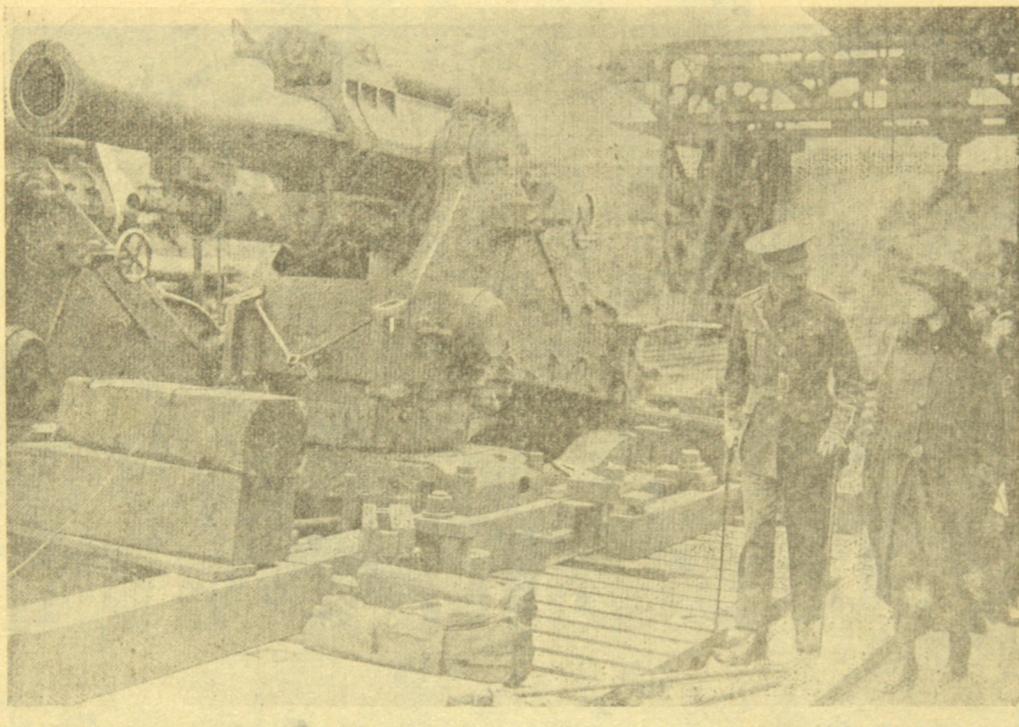
GUERRA EUROPEIA



Officiaes portuguezes prisioneiros dos allemães n'um campo de concentração.



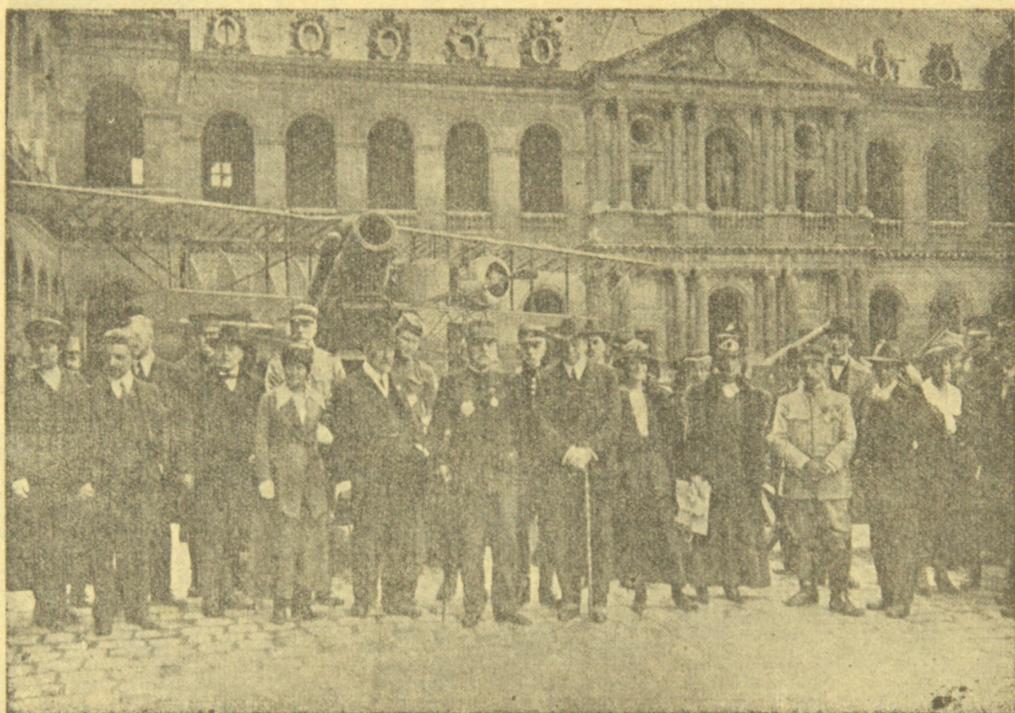
Um aspecto do campo de concentração onde estão prisioneiros dos allemães e alguns officiaes portuguezes.



Miss Jey Higgins, da missão americana, visitando uma bateria de morteiros de grande calibre no arsenal de Woolrich



Os membros de missão americana em França, visitando a «Galeria dos Espelhos» no Palacio de Versailles.



O general Niox recebe missão americana no pateo dos Invalidos de Paris.

A "Ilustração Catholica" no Estrangeiro

Hespanha — Fallecimento d'um Prelado

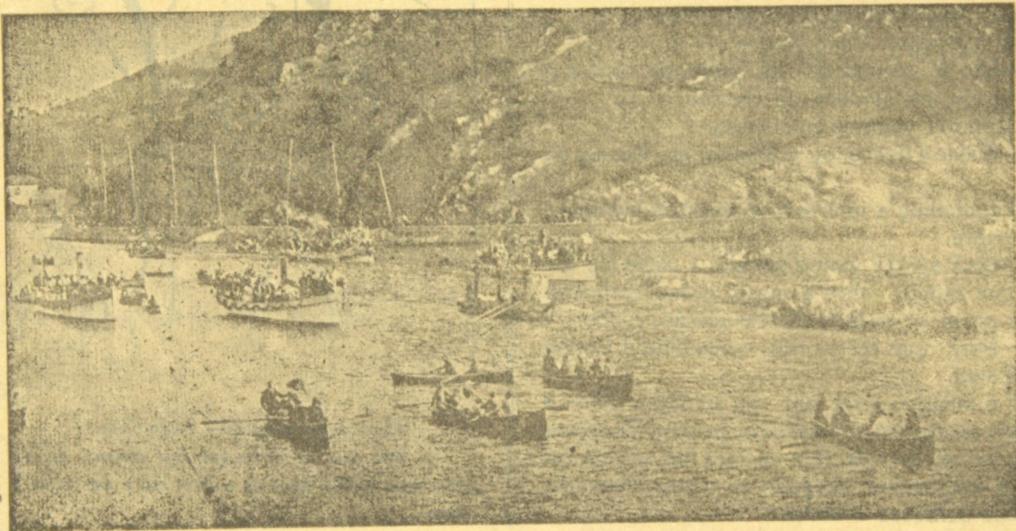
Em Burgas (Barcelona) falleceu ultimamente o virtuosissimo prelado d'aquella archidiocese D. José Cadena y Elefa. Nascido em 20 de Março de 1835 e eleito bispo de Segovia em 18 de Abril de 1901, foi collocado na cadeira archiepiscopal de Burgas em 18 de Julho de 1913. A sua morte foi dolorosamente sentida não só pelas suas grandes virtudes mas tambem pelas importantes obras da restauração da sua formosissima cathedral.



O enterro do Arcebispo de Burgas sahindo da cathedral.

Hespanha — Uma festa religiosa no mar

Na bahia de Guipozcoa realisou-se uma imponente festa religiosa dedicada ao Menino Jesus de Praga. Na gravura veem-se numerosos barcos que, lindamente engalanados, tomaram parte na interessante procissão maritima seguindo a embarcação onde era conduzida a preciosa imagem do Menino Jesus.



Anecdotas históricas

Ditos e pensamentos

Cromwel e o parlamento

Vencendo a batalha de Worcester, passando por sobre o cadaver de Carlos I, Cromwel tomou o lugar de primeiro inguez com o titulo de *Protector*. O parlamento concebeu o projecto de fundar uma republica governada por parlamentares, o que sabido por Cromwel resolveu ir assistir a uma sessão. Ao fim d'alguns minutos de qualquer discussão fastidiosa, Cromwel disse ao ouvido do general Harrison:

—Este parlamento está já bem maduro para a dissolução.

—Vêde o que fazeis, é uma obra arriscada.

Cromwel quedou-se alguns minutos, depois voltou a fallar a Harrison:

—Não tem duvida, é o momento de obrar.

Levantou-se e fez contra o parlamento um discurso violento, accusou-o de comprometter a salvação publica e de haver adoptado os baixos interesses dos presbyterianos em desprezo dos do povo.

Sir Peter Wentworth levantou-se a protestar, mas Cromwel grita:

—Silencio, eu vou pôr fim a toda esta falacia.

Dá algumas voltas na sala a passos largos e continuou:

—Vós já não sois o parlamento... eu vou acabar com as vossas sessões.

E batendo com o pé no chão:

—Entrael

A esta palavra abrem-se as portas da camara e o tenente coronel Vorsley entra na sala á frente de dois pelotões de mosqueteiros.

Sir Henrique Vane brada:

—Isto é infame! E' um atentado contra o decoro e a immuidade da camara!

Cromwel volta-se enfurecido:

—Calae a bocca, ou o Senhor me livrará de vós.

E continuou a injuria-lo e aos mais membros da camara.

Depois agarra violentamente a acha de armas que estava sobre a mesa, como distintivo de se achar o parlamento em sessão, e diz:

—Para que serve esta armadilha? Levem isto d'aqui.

E a mandou levar por um soldado. Toda a camara estava em confusão, O general Harrison chega-se ao presidente e declara-lhe que no estado a que haviam chegado as coisas, convinha que elle deixasse a cadeira.

— Não, eu não deixarei este lugar senão pela força.

Resposta de Harrison:

— Pois bem, eu vos darei a mão.

E puchou-o violentamente para fóra do seu lugar. Entretanto Cromwel dizia a alguns membros da camara seus, inimigos:

—Fostes vós que me haveis obrigado a proceder d'este modo, porque de dia e de noite eu orava ao Senhor para que antes me tirasse a vida que encarregar-me de semelhante missão.

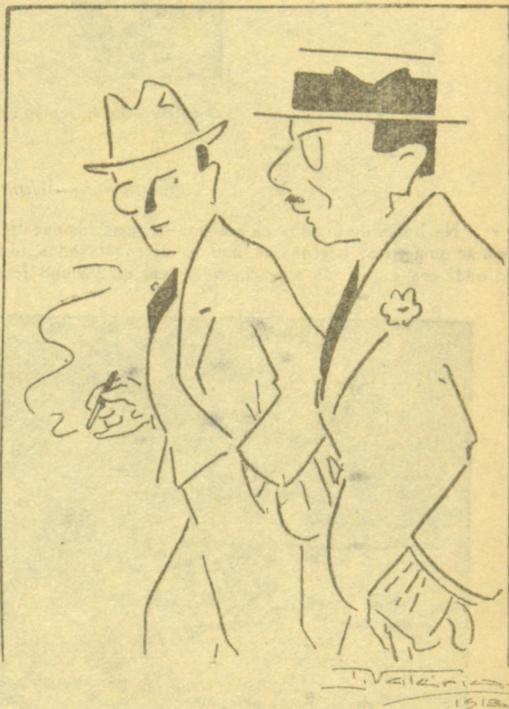
O alderman Allen tentou persuadir-lhe que as coisas podiam ainda conciliar-se...

—Não é para isso que eu aqui vim, tenho avançado muito para que haja agora de retroceder.

E voltando-se para os mosqueteiros:

—Varrei a camara até ficar bem limpa.

Os soldados pozeram todos os membros fóra da sala, á ponta de baioneta, e Cromwel mandou fechar as portas e recolheu tranquillamente para White-Hall.



— Afinal como soubeste a idade d'ella?

— Pela cara satisfeita que fez, quando eu lhe disse que a mais bonita idade da mulher era a dos trinta e cinco annos...

LIVRARIA CRUZ

BRAGA

Telephone n.º 29 Telegramas:—**CRUZ LIVRARIA**

Casa fundada em 1888

EDITORA das obras do celebre hidroterapeuta *Mgr. Kneipp*.
EDITORA de muitos livros adoptados no ensino *primario, normal secundario, especial e superior*.
EDITORA e proprietária da Coleção *Sciencia e Religião*.
EDITORA de livros de piedade—*Centelhãs Eucaristicas, livro de Orações, etc*
Completo sortido de *Papelaria* objectos de escritório—Utensilios e modelos para desenho e pintura—**Agencia de Publicações.**

OFFICINAS

—DE—

Esculptura em Madeira

—E—

PINTURA

Teixeira Fanzeres

RUA DO SOUTO 134—BRAGA

N'estas conhecidas officinas, executam-se com a maxima perfeição, imagens desde a miniatura ao tamanho natural. Esculpturas com magnifica pintura. Tem sempre em deposito um variado sortido de imagens, bem como banquetas, douradas, velas automaticas, jarras, sacras, sanctuarios, crucifixos e outros artigos religiosos. Encarrega-se em todo o paiz de altares, tribunas, decorações em qualquer estylo, e de todos os trabalhos pertencentes a este ramo d'arte.

Perfeição e nitidez em tudo

Preços modicos

Contra riscos de guerra ferrestres e maritimos, gréves, e tumultos em mobílias e edificios particulares, segura a Companhia Luzo-Brazileira de Seguros

SAGRES

Séde — Lisboa Largo S. Julião
19-2.º — Tel. Exp.º C. 2961. Tel. da Direcção:
C. 2657. Banqueiros: Pinto & Sol-
to-Maior. — Agente em Braga, Amares, Povoa
de Lanhoso, Terras de Bouro e Vieira

Manuel da Conceição Rocha

Largo do Barão de S. Martinho — BRAGA

Luneta de Ouro

Officinas de esculptura, encadernação e concertos de imagens, batinas e vestes sacerdotaes.

Artigos religiosos, imagens, paramentos, harmoniums, oculos, pincenez, binoculos, cutelaria, optica e artigos de phantasia.

Aurelio Monteiro & C.ª

Rua do Ovidor, n.º 123

Caixa postal 1588—RIO DE JANEIRO

Telephone 5593, Norte

«Illustração Catholica» vende-se nesta casa
Numero avulso 300 rs. (moeda brazil-ira)

Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos

DO

Padre Villela & Irmão

(Joaquim Pereira Villela)

Este antigo Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos e Civis, encarrega-se de todos os negocios dependentes das repartições ecclesiasticas de Braga, Nunciatura Apostolica de Roma, taes como processos de ordens menores e sacras e seus respectivos Breves, licenças para casamentos com proclamas ou sem elles, dispensas de parentesco em todos os graus, que a Santa Sé costuma conceder, justificações de baptismo, casamento, obito e de estado livre. Breves de redução de legados, sanatorias, em geral quaesquer Breves Apostolicos, e tambem dos negocios dependentes das repartições civis, judiciaes e militares em relação com os negocios ecclesiasticos, o que tudo é tratado com summa brevidade e maxima economia.

Tem annexas ao mesmo escriptorio uma typographia a vapor, denominada dos 'Echos do Minho', e officinas de encadernação onde são executados quaesquer trabalhos, com a maxima rapidez, perfeição, e economia.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o respectivo escriptorio ao

P.º Villela & Irmão

83—RUA DOS MARTYRES DA REPUBLICA—91

(Antiga Rua da Rainha)

BRAGA